

skin deep | António Carlos Cortez

2.^a edição com 15 poemas inéditos

Prefácio: Isabel Cristina Mateus

"Com António Carlos Cortez a poesia atinge um alto grau e existe"

Luís Filipe Castro Mendes in Colóquio Letras

Prefácio

A pele por fulgurantes/ instantes muitas vezes abre-se até onde/seria impensável que exercesse/com tão grande rigor o seu domínio. Os versos de Luís Miguel Nava, retirados de “Paisagem Citadina” (*O Céu sob as Entranhas*, 1989), bem poderiam servir de epígrafe ou de abertura ao mais recente livro de poesia de António Carlos Cortez. Em vez disso, o poeta prefere dedicar a Nava o último poema, “Paisagem Urbana, revelando um diálogo intertextual que, para além da ressonância dos títulos, ecoa noutros momentos do livro e se configura como uma possível chave — mais rigorosamente, clave — de leitura dos 39 poemas que compõem *Skin Deep*. Com efeito, constituindo-se como um dos referentes tropológicos mais individualizadores do universo poético de Nava, a pele é o instrumento de uma escrita que se define pela fisicalidade, por uma relação do eu com o universo que parte sempre do corpo, como sublinha Ricardo Vasconcelos, “para dar conta seja da intensidade da experiência amorosa, seja da crueza da experiência do mundo”. E em particular, como em “Paisagem Urbana”, a experiência de uma “*cidade sem pele humana*” (p. 65).

Skin Deep é um título que confere à pele um lugar central na escrita de António Carlos Cortez. Presença visível desde a publicação do seu primeiro livro de poesia, *Ritos de Passagem* (1999) e título de um poema composto por dois dísticos onde erotismo e experiência amorosa se confundem com a busca da “carne do sentido” — “*Pudesses as minhas mãos ser o vestido/estragular-te a pele que me provoca*” —, ostensiva em *À Flor da Pele* (2008), a sua importância tem sido sublinhada pelo poeta em vários lugares: “*Sintaxe, desejo de construção frásica desafiante, a ideia do poema como pedra que se vai polindo, a procura de uma “carne do sentido” — como se os poemas fossem corpos cuja carne é necessário provar, procurando nela o sentido que o mundo não pode absolutamente ter — (...), isso é, creio, o que a minha poesia, de algum modo, diz.*”

Um título como este, num livro de poesia cujo formato seduz a pele da mão do leitor, exigirá contudo algumas notas adicionais. Em primeiro lugar, a de ter sido inspirado pela canção homónima da banda britânica *The Stranglers*, como dá conta o poeta em entrevista a Maria João Cantinho: um “*false friend*”, avisa, visto que a melhor tradução “será “transitório, transitoriedade” ou “o que está à superfície da pele”. Expressão ambígua, portanto, na medida em que estamos perante um fazer poético em que as imagens tanto perduram no tempo e se escrevem na epiderme como, pela intensidade com que surgem, perfuram o tecido epitelial e se inscrevem

na derme, na pele profunda. A poesia de António Carlos Cortez é simultaneamente grafia na pele e grafia da pele. Uma tatuagem, poesia rigorosamente dérmica, escrita com sangue, suor ou sêmen, parafraseando as palavras de Jorge de Sena que o poeta convoca no prefácio da antologia *A Dor Concreta*: “*o nome negro e os alguns instrumentos/de perfuração para sobre a pele alinhar/recorridões essa era agora a tua ocupação/primeira*” (p.17).

Em segundo lugar, importará notar que esta poesia nasce de uma íntima relação com a música, com os bares e uma certa vivência urbana da noite. *Skin Deep* é a banda sonora de um tempo que passou. Dos anos 80, uma década mítica que nos ritmos, nos ambientes, nas imagens, nas vivências e na imaginação é “*herdeira das magias dos vinte anos anteriores, dos corpos querendo subir à imaginação dos dias*” (p. 46), a última onde pulsa ainda o coração das utopias. Ler estes poemas é escutar as sonoridades de uma época, de bandas como *The Doors*, *The Smiths*, *The Stranglers*, *Killing Joke*, *Siouxsie and the Banshees*, *Depeche Mode* ou *Legião Urbana*, o saxofone de Curtis Mayfield e o trompete de Miles Davis, as vozes de Jim Morrison, Morrissey, Enrique Bunbury, Dionne Warwick e Bethânia, viajar ao fundo da noite na companhia do poeta.

Skin Deep é também um álbum autobiográfico cujo título poderia ser *Retrato do Artista enquanto Jovem Poeta*. Um vinil cujos lados A e B correspondem às duas partes do livro, duas faces de um processo de apren-

de trabalho, a mesa de "madeira velha, lisa, dura, clara". E a ligação de um poeta como Carlos de Oliveira — "o trabalho da plaina portuguesa... / as ondas de madeira artesanais o sangue/coalhado sobre a mesa" (p. 15) —, cujos versos, em itálico, o poeta reescreve, rasurando a palavra "solidão" para sublinhar a ferida de que escorre o "sangue", a tinta vital da sua escrita. O trabalho de reescrita é, aliás, um dos processos poéticos recorrentes de Antônio Carlos Cortez: imagens, metáforas, motivos, títulos, migram de um livro para outro, numa espécie de leit-motif ou de refrão musical, em permanente mudança, reconfiguração ou reverberação de sentidos. *Skin Deep*, o poema de *Ritos de Passagem*, agora título de um livro, e as suas reescritas "A Pele Profunda" ou "Pele Profunda, a música", são disso um bom exemplo. Note-se que "Laboratório Químico" é o título de um poema que, na senda de Antônio Gedeão ou Gastão Cruz, sublinha essa imagética oficial, permitindo ao leitor acompanhar o "trabalho silencioso", alquímico, de "ver na palavra-conceito o seu extermínio/a lenta transformação do óxido em precipício". Um trabalho de depuração e invenção de uma linguagem poética liberta do uso quotidiano, de construção de um léxico próprio capaz de dar a ver "com olhos humanos o que não vê a vã ciência" (p. 24).

Se esta dimensão biográfica pode parecer contradição num percurso poético em contra-corrente ao "regresso ao real" dominante nos anos 80, é o duro trabalho da plaina sobre os versos, o trabalho oficial do

dizagem erótica, amorosa, musical e métrica (patente em poemas como "O Gelo", "Recordações Rapaces" ou "Naquele Tempo"), uma "oscilação selvagem" entre a inquietação e o experimentalismo da forma e a sedução pelo — diria antes, fidelidade ao — poema em prosa que a segunda parte evidencia e se fazia já sentir desde *Um Barco no Rio* (2002) e *A Flor da Pele* (2008), culminando nesse momento esplendoroso que dá pelo nome de *Jaguar* ((2019). De resto, de acordo com o poeta na entrevista citada, a publicação anunciada de *Diamante*, virá encerrar um ciclo marcado por esta forma poética (e privilegiada por um poeta como Nava).

Estamos perante um álbum pessoal de memórias várias, um registo intermedial identitário, feito de fotografias, músicas e videoclips, filmes, livros, viagens, paisagens, montagem composta de imagens que configuram o imaginário do poeta. E com efeito um (auto)retrato que o poeta dá a ver ao leitor na abertura deste livro, convidando-o a desfolhar esse álbum e a escutar a música dos poemas, outro modo de dizer, a "ouvir a mesma canção". Retrato de um aprendiz de feiticeiro no seu laboratório de escrita, rodeado dos instrumentos de trabalho: "tinhas agora contigo um livro branco/ a casa arrumada a biblioteca organizada/ em função de colecções (ensaio poesia/política Livros sobre símbolos Dicionário/de mitologia dicionários de símbolos/ filosofia a apologia de sócrates sobretudo/ (...) e contas a acertar". Não será por acaso que nesse laboratório avulta a banca

11

a música explode-me nos poros", afirma o poeta em "Pele Profunda, a música", p. 54). Mas os poemas são também matéria tangível, porosa, corpos impressivos. Indomáveis, como um animal selvagem, "um jaguar de consuções calculadas de passos serenos no ataque" (p. 61). As vezes inflamáveis, o palco de deflagração do incêndio erótico das imagens. "A poesia é devedora de atmosferas onde o fascínio e o perigo se cruzam, onde a batida certa — a percussão de, por exemplo, the smiths, ou depeche mode, ou echo and the bunnymen, ou OMD — me faz mergulhar no mais fundo das minhas perdas e pequenas iluminações, a música fornece-me a toada certa para escrever como quem ama e não como quem escreve" (p. 55).

Escrever como quem ama e não como quem escreve é toda uma arte poética. Um modo de dar voz à pele ardente das imagens e das palavras. De ir ao encontro do outro. Num mundo cada vez mais asséptico e mecanizado, onde a distância e o distanciamento têm vindo a fazer caminho e o "sentido duplo" se ausentou, mais importante se torna ler esta poesia que nos devolve a pele humana e à chama da linguagem que cintila no poema ("o poema é o pneuma, é um jugo, a submissão mais crua às regras de uma ardência inominável", p. 64). Mesmo que o poeta afirme estar cansado e o mundo seja agora "ruído apenas" (p. 63).

10

poeta ourives-gravador, desse "fazedor exímio dos versos onde vibra/a imagem tensa ignea e viva" (p. 18) que Skin Deep desvenda ao leitor de um modo mais próximo e caloroso do que nunca. Porque para o fazedor, a página em branco é "uma pele fria que o poeta redige/e molda em linhas raras tentando ao real/roubar o seu enigma" (p. 22). Todavia, o trabalho poético faz emergir à pele da página a memória de outras vozes, de Morrissey e Alfonso Costafreda (a quem pertencem os versos de "A Pele Profunda"), mas também, audíveis ou como um eco imperceptível, de Baudelaire e Rimbaud, Pessoa, David Mourão-Ferreira ou Gastão Cruz, seu mestre, de Alberto Moravia a Yves Bonnefoy ou Oscar Wilde. Mais do que fingidor, o poeta é um fazedor de palavras, de imagens e de ritmos. Esta é, como observou Ricardo Marques e o poeta recorda na entrevista, uma poesia "toda ela de reenvio e citacional", que apela à cumplicidade e à memória do leitor, o torna participante no jogo de descoberta de uma grafia anterior e de construção de sentidos. Skin Deep vai além dessa dimensão palimpséstica para ensaiar uma dimensão cênica, performativa (à qual não falta sequer uma "instalação de luz", p. 40), dando a escutar um concerto de vozes, do poeta, de vocalistas de bandas britânicas ou de gente anónima que com ele contracena no palco urbano, seja a voz de um homem numa rua da cidade ou de uma rapariga no metro de Lisboa.

Os poemas de Skin Deep são matéria musical, sonora: "tudo no poema, na minha poesia, tudo deriva em música,